

IMAGENS GEOGRÁFICAS DOS CAMINHOS DA PESQUISA: CONFISSÕES COTIDIANAS ESPACIALIZADAS

Geographical images from research trajectories: confessions of spatialized daily life

Nathan Zanzoni Itaborahy¹

RESUMO

Este ensaio é uma confissão de uma geografia vivenciada que traz à tona, a partir de percepções, experiências e ideias, uma reflexão sobre a atividade da pesquisa em geografia em meu curso de mestrado na UFMG, revelando a geograficidade e o imaginário geográfico que dão vida à rotina da investigação socioespacial. Nele, o cotidiano de um pesquisador, suas espacialidades e todo o sentido da universidade serão evocados. Espaço público do encontro de trajetórias e expectativas, a universidade perde seu sentido político se não utilizada, experimentada e apropriada. As “confissões geográficas” de usos transversais do “território universitário”, costurados pela Agroecologia e Permacultura, reinventam os caminhos que podem levar a uma ciência solidária e uma universidade inclusiva. Contam como cotidiano e pesquisa se mancham um do outro e o conhecimento se transforma em autoconhecimento.

Palavras-chave: Pesquisa em Geografia. Uso e apropriação do espaço universitário. Espacialidades cotidianas do pesquisador.

ABSTRACT

This essay is a confession of a geography experienced that elicits from perceptions, experiences and ideas, a reflection on the activity of research in geography in my Masters course at UFMG, revealing geographicity and imaginary geographic enliven the routine investigation of socio-spatial. In it, the daily life of a researcher, its spatialities and every sense of the university will be evoked. Public meeting space trajectories and expectations, the university loses its political sense if unused, not experienced and not appropriate. The “geographical confessions” of transversal uses of the “academic territory”, tailored by the Agroecology and Permaculture, reinvent the ways that science can lead to a supportive and inclusive university. Its parts, connected and independent, tell how daily life and research mix together and become self-aware.

Keywords: Research in Geography. Use and appropriation of university space. Everyday spatialities of the researcher.

¹ Geógrafo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). nitaborahy@ufmg.br.

✉ Rua Desembargador Tinoco, 361, apto. 203, Monsenhor Messias. Belo Horizonte, MG. 30720-480.

UNIVERSIDADES OPERACIONAIS: OS LUGARES QUE “PASSAMOS E ESQUECEMOS”

Os sinais da ciência moderna marcam os corredores de uma universidade acelerada. A corrida ruma ao turvo. A visão cinzenta recusa uma possível descoberta prazerosa; ela, simplesmente, torna invisível o mundo², a riqueza de possibilidades da universidade à sua volta. É uma corrida que desperdiça o sorriso, a cooperação, os sonhos.

Vejo se apagando as brechas do prazer da pesquisa. Como lembra Bauman³, parafraseando a alegoria do filósofo Ralph Waldo Emerson: a modernidade se traduz na imagem de uma corrida no inverno sobre uma fina camada de gelo. Não se vê com clareza para onde se vai ou de onde se parte. Sobrevive o que corre.

A universidade é um belo exemplo da reflexão do pensador: para não morrer academicamente, sendo engolido pelo gelo da universidade e ciência modernas, o pesquisador se recusa a parar ou andar devagar. São paisagens que se esvaem na janela de um veloz automóvel, indo com elas seus sentidos, suas possibilidades. Geografias vistas de um carro desenfreado rumo ao nada.

Caminha carregando em sua pasta as propostas de uma ciência fria, “esvaziada de mundo” (TAVARES; HISSA, 2011, p. 25). Transforma o espaço universitário no lócus da produção, eliminando encontros e conversas, os espaços-tempos compartilhados. Em “Universidades

² Exploraremos aqui “mundo” através da ideia de “ser-no-mundo” heideggeriana, ou seja, não como a exterioridade do sujeito, mas como a copertinência entre mundo e homem. Dessa forma, sujeito e mundo formam uma estreita relação de reciprocidade, levando-nos a concordar que “o mundo não existe senão como uma abstração”, nas palavras de Santos e Hissa (2011, p. 24).

³ Recorte da palestra de Luiz Felipe Pondé nomeada “O diagnóstico de Zygmunt Bauman para a pós-modernidade: uma agenda para o inverno – ambivalência, medo e coragem”. Comunicação no Café Filosófico da CPFL Cultura (programa cultural financiado pela Companhia Paulista de Força e Luz), realizada nos estúdios da própria instituição (Campinas-SP) no dia 25 de maio de 2008.

Operacionais” (CHAUÍ, 2003), pautadas nas “aplicações técnicas da ciência em detrimento das aplicações edificantes” (SANTOS; HISSA, 2011, p. 26), o diálogo é peça rara e o espaço é carregado muito mais de função do que de significados.

Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a **universidade operacional** está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está pulverizada em micro-organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual. (CHAUÍ, 2003, p. 7 — grifo nosso)

No meio de uma estrada obscura, à procura do verdadeiro sentido de minhas intenções, indago-me sobre os propósitos da universidade moderna construída por quem a utiliza. É assim que me lembro de uma das faces de Fernando Pessoa (2007), Alberto Caeiro:

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; **passamos e esquecemos**;
E o sol é sempre pontual todos os dias. (PESSOA, 1980, p. 82)

PERCEPÇÕES DE UM PROFUNDO COTIDIANO

Enquanto selecionava e tratava algumas sementes coletadas com companheiros da Universidade Federal de Minas Gerais, não conseguia deixar de me ver como um espectador privilegiado das lógicas e fatos que revisitavam minha cabeça. Ora vivenciava aquele espaço como um bolsista de mestrado – submetido a todos os desencontros do

cotidiano de um pesquisador acadêmico, ora como um geógrafo recém-formado, carregando acesa a chama do “fervor revolucionário juvenil” universitário.

Percebi que havia duas propostas nas quais deveria me engajar, e que, se não eliminassem a contradição do meu momento em Belo Horizonte, ao menos trariam conforto à consciência se me empenhasse em construir possíveis diálogos. De um lado, deveria cumprir com as funções de um pós-graduando, frequentando as aulas e estágios docentes, lendo artigos, livros e construindo reflexões sobre as diversas interpretações e representações. De outro, a efervescência das atividades nos Diretórios Acadêmicos em torno da Agroecologia e da Permacultura, um convite para enxergar o espaço universitário como o lugar da possível construção do mundo que queremos.

Ao contemplar as montanhas de Minas, pelas manhãs, predispuha-me a lutar pela (generosa) função social que a universidade deveria primar. Quebrar estes muros colocados significava rever meu “ser no mundo”: o alojamento nos grandes debates teóricos – subterfúgio predileto – havia me colocado numa posição de um fanático “codificador de coisas” que, disposto a cada vez melhor representá-las, via-se cada vez mais afastado delas.

Lembro-me do desfecho do romance “Sidarta”, de Hesse (1997), quando o protagonista (o próprio Sidarta), já idoso e doando sua vida aos ensinamentos do rio⁴, encontra seu grande amigo de infância (Govinda), que dedicara a vida aos ensinamentos do Buda (Gotama) e à compreensão do verdadeiro sentido da existência. O encontro entre eles é inesperado e repleto de ricas reflexões. Dentre elas, recorto um diálogo em que Govinda propõe a Sidarta – no momento ainda não

4 O rio aparece na obra como uma metáfora da vida. Ao mesmo tempo em que não para um minuto de correr frente aos olhos de Sidarta, não deixa de nascer nas montanhas e desaguar na foz. Representa, assim, tanto a efemeridade quanto a totalidade da existência.

reconhecido como tal pelo amigo e referenciado como “balseiro” – questões sobre a tal busca pelo melhor caminho, pela descoberta das verdades mais profundas que a existência carrega:

— Sempre te mostras muito gentil para com os monges e os peregrinos. Já transportaste através do rio grande número dos nossos. Mas dize-me, ó balseiro, não serás também tu daqueles que **procuram o caminho certo?**

Respondeu Sidarta, com um sorriso a iluminar-lhe os olhos cansados:

— Mas como, ó venerável? Ainda andas em busca do caminho? Ora, estás de idade prolecta e usas os trajes dos discípulos de Gotama.

— É verdade que sou velho — admitiu Govinda. — Mas nunca cessei de pesquisar. Parece que será meu destino jamais abandonar a busca. Tenho a impressão de que também tu procuraste a senda. Não me queres revelar algo a esse respeito, meu prezado amigo? Ao que replicou Sidarta:

— Que poderia eu dizer-te, ó reverendo? Só, talvez, que **procuras demais, que de tanta busca não tens tempo para encontrar coisa alguma.** (HESSE, 1997, p. 111-112 — grifo nosso)

De tanto procurar, perdi o tempo para encontrar⁵. Ao encher a cabeça de conceitos, esvaziava de vida. Dei-me conta de que estava estudando sujeitos camponeses⁶, que têm na agricultura a referência de

5 Nas palavras de Gonçalo Tavares e Cássio Hissa: “o tempo é o colaborador do cientista, do escritor. O tempo é nosso colaborador mais antigo e mais sensato. É um luxo dispensá-lo. Quando o homem dispensa o tempo como colaborador é porque, talvez, tenha perdido todo o discernimento” (TAVARES; HISSA, 2011, p. 136).

6 O grupo de pesquisa e extensão “Da diversidade cultural à diversidade produtiva: a construção dos saberes necessários à transição agroecológica na comunidade quilombola de São Pedro de Cima” (CARNEIRO, 2010), formado por alunos dos cursos de Geografia, Ciências Sociais, História, Biologia e Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, dialoga há cerca de quatro anos com os moradores da comunidade localizada na zona rural do município de Divino (Zona da Mata de Minas Gerais), refletindo sobre seus modos de viver e ser naquele território. Devo dizer que, como participante do grupo, meu projeto de mestrado se contextualiza em nossa experiência na comunidade, sobretudo, compreendendo o conflito territorial entre o agronegócio e a agricultura familiar camponesa.

suas vidas, e nem ao menos sabia plantar. Era evidente que reproduzia a corrida pela casca fina de gelo no inverno nebuloso em minha forma de trabalhar, pensar e agir.

Mais do que isso, diria que a universidade operacional caminhava esgotando minhas geografias. Um resumo de boa parte dos meus dilemas como “pesquisador no mundo” se encontra no atentado a minha geograficidade⁷ (DARDEL, 2011): estava matando minhas percepções, minhas experiências e assim caminharia da mesma forma – a partir da/rumo à turbidez – que a lógica que dirigia minhas críticas. Transformara, sem ao menos refletir sobre isso, minha vida numa etnografia das dualidades e conflitos da universidade contemporânea, na qual passei, ao mesmo tempo, a me submeter às lógicas operacionais e apreciá-las de forma crítica.

A PESQUISA QUE HÁ DENTRO DE NÓS

A proposta de primar pelas observações participantes em minha pesquisa de mestrado sempre teve como base a existência de uma geografia do cotidiano, em outras palavras, de que cada ação, diálogo e olhar⁸ carregam a geografia particular de um sujeito ou grupo social⁹. Talvez, nessa intenção, tenha me esquecido de uma das mais importantes lições da Antropologia: ao me propor uma familiaridade com os “exóticos” sujeitos pesquisados, inevitavelmente realizaria o

7 O conceito de “geograficidade” apresentado por Dardel (2011), inspirado em sua visão fenomenológica da Geografia, versa sobre a relação íntima e visceral que se estabelece entre o homem e a Terra. Dessa maneira, é um referencial existencial do ser no mundo, contido nas ações e imaginários de cada sujeito.

8 Como lembra Geertz (1989, p. 17): “Fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas, as piscadelas à epistemologia, ou incursões aos carneiros à revolução, porque eles são levados a isso”.

9 Claval (2002, p. 23) traduz a ideia na noção de “imaginação geográfica”, o imaginário contido nas “experiências espaciais dos indivíduos”, fundamental na “construção das categorias sociais e territoriais”.

movimento contrário, de ver meu próprio cotidiano como um “objeto” de pesquisa (DA MATTA, 1987), de me afastar de mim mesmo para me ver enquanto um ser no mundo.

O movimento da consciência do meu próprio significado para o mundo revelou algumas verdades as quais não pudera ver do “alojamento teórico-conceitual” em que me encontrava refugiado propositadamente. A pesquisa havia alterado pouco meu posicionamento perante as possibilidades. Continuava a reproduzir meu modo de vida de outrora. Era como se eu aceitasse a ideia de que era possível cumprir a tarefa de um bom pesquisador e continuar a ser exatamente o mesmo sujeito que eu era. Externalizei o trabalho da pesquisa do meu próprio projeto de vida, e ao fazer isso, dividi-me em dois sujeitos que pouco conversavam.

Como sugerir uma mudança em uma comunidade, ter isso como propósito de pesquisa e extensão, e em nada alterar a própria vida? Era uma prepotência travestida de boas intenções. Era preciso que transformasse o conhecimento em autoconhecimento¹⁰ (SANTOS, 1987). Dessa maneira, transgrediria o sentido profissional-funcional do mestrado e o compreenderia como um momento de autoconhecimento e de construção de um olhar mais profundo e propositivo sobre o mundo.

Era claro que minha ação desperdiçava o “valor da experiência”¹¹. Se me dividi em dois sujeitos distintos – que pouco conversavam

10 Para o autor: “Parafrazeando Clausewitz, podemos afirmar hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento científico é autocohecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real” (SANTOS, 1987, p. 52).

11 Obra “Experiência e pobreza”, de Walter Benjamin, referenciada na comunicação “Aceleração e depressão”, de Maria Rita Kehl, no Café Filosófico da CPFL Cultura (programa cultural financiado pela Companhia Paulista de Força e Luz), realizada nos estúdios da própria instituição (Campinas-SP) no dia 24 de junho de 2009.

– não conseguia enxergar o espaço universitário como a extensão da minha territorialidade. Estava pouco disposto a experimentar as possibilidades da universidade, que se transformava em um local de passagem. Corria negligenciando os encontros, negligenciando o outro. Corria apagando as geografias de um lugar de pluralidade.

No entanto, tomando consciência das possibilidades da minha presença na universidade, via que o “outro lado” convivia com as contradições daquele espaço. A mesma universidade operacional de passagem, poderia ser o território universitário¹², lugar de encontro e de construção. O universo universitário era o da condensação da diversidade de sujeitos e seu território os diversos usos que o davam sentido.

Poucos lugares simbolizam tão bem a ideia do “encontro de trajetórias”¹³ (MASSEY, 2008, p. 33; 204) como a universidade. É um lugar de pluralidade por excelência. Nela converso com o doutor e com o jardineiro; com o mineiro e o africano; com o geógrafo e o teatrólogo. É um espaço que contém histórias e expectativas. Espaço dos concretos armados e das áreas verdes. Do eventual e do profundo.

Lembro que, antes de qualquer coisa, trata-se de um espaço público. Seu uso deve primar pelos encontros, acordos e diálogos. Penso estes espaços como lócus da política¹⁴ por excelência, dessa forma, dinâmicos e dialogais. De maneira similar, uma universidade deve ter seu papel social como justificativa e objetivo de suas ações e produtos. Deve ir

além de um “espaço-tempo da formação profissional” e caminhar por uma sociedade mais justa e libertária.

Em um piscar de olhos, volto a todas as questões que levanto em minha pesquisa. Vejo no sentido do meu território do cotidiano todos os dilemas que venho estudando. Vislumbro no lugar de encontro de trajetórias diversas que representa a universidade, como diversos são também os sujeitos e territórios que estudo. Sinto por alguns instantes que as melhorias que desejo à universidade – enquanto espaço apropriado e em direção às funções política e social há pouco citadas – são as mesmas que empenho em minha pesquisa.

O conflito entre a monocultura do eucalipto e a territorialidade quilombola-camponesa, o qual intento teorizar e compreender em minha pesquisa de mestrado, parecia soar de maneira similar ao conflito entre a “monocultura do saber científico” e a “ecologia dos saberes”¹⁵, ambos me convidando a reflexões que se misturavam umas às outras.

Interligo com clareza, em meus pensamentos, meu cotidiano de mestrado em Belo Horizonte e minha pesquisa na Zona da Mata mineira. Quebro os muros do meu ser no mundo e projeto minha ação em uma totalidade. A ação se transforma em uma ação consciente, devolvendo-me o direito de “narrar para mim mesmo o que estou vivendo”¹⁶.

¹² Tomo aqui a ideia de território como espaço apropriado, significado e apoderado.

¹³ “[...] uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço” (MASSEY, 2008, p. 190).

¹⁴ Lançamos mão do conceito de política de Hannah Arendt (2010): para a autora a política não nasce com o homem, ela se desenvolve na relação que homens mantêm uns com os outros, a partir da pluralidade humana, ou seja, do encontro das diferenças na igualdade.

¹⁵ Santos e Hissa (2011, p.21) fazem referência a estes conceitos no diálogo. Para eles, a “monocultura do saber científico” se trata do monopólio da racionalidade científica à produção do conhecimento, fruto da primeira ruptura epistemológica – entre conhecimento científico e senso comum; já a “ecologia dos saberes” se apoia no devir de uma segunda ruptura, na qual os saberes produzidos para além das fronteiras científicas devem dialogar e ter lugar próprio na produção do conhecimento ou, nas palavras dos autores, “que leve o conhecimento científico a se transformar num novo senso comum, que seja aberto a outras camadas, a outras realidades”.

¹⁶ Vide nota 11.

DE “UNIVERSIDADE OPERACIONAL” A TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO

Através do entendimento desse **conteúdo geográfico do cotidiano** poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento (e, talvez, teorização) dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; **um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam.** (SANTOS, 1996, p. 321 — grifos nossos)

É dessa maneira que proponho narrar um pouco de minha experiência. Como uma ruptura na qual resgatei o direito de “narrar para mim mesmo o que estou vivendo”. Assim, o que aqui transmito nada mais é do que a minha própria visão sobre os movimentos e encontros na universidade, do que eles significam para mim. Sobre suas possibilidades e convites à ação. O “território universitário” é, antes de tudo, uma expansão do meu próprio território através do uso¹⁷.

Falar do cotidiano da universidade operacional nos leva à reflexão sobre o paradigma científico-moderno, já que ela é a sua institucionalização e materialização. Acreditamos que a ciência moderna se faz da separação entre conhecimento científico e os demais conhecimentos, ou, nas palavras de Cássio Hissa *et al.* (2011, p. 36), “é construída não como um refinamento do senso comum, mas como sua negação”, criando o que Boaventura de Sousa Santos (2007) chamou de linha abissal. O “pensamento abissal” separa o conhecimento com *status* de verdade – nos moldes da racionalidade científica moderna – dos conhecimentos do senso comum, afastando-se da diversidade dos

“lugares epistêmicos” e “sujeitos do saber”. Elitiza a produção do saber e, ao fazê-lo, fecha-se para o exterior (e interior) da universidade.

A linha abissal fica clara sobre dois aspectos: primeiramente o aspecto jurídico, que o autor (SANTOS, 2007, p. 25-26) aponta como a linha do legal e do ilegal, sempre “de acordo com o direito oficial do Estado ou com o direito internacional”; e por segundo, sobre a linha epistêmica, que “consiste na concessão à ciência moderna do monopólio a distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a teologia e a filosofia”.

Pautada na separação entre sujeito e objeto, natureza e sociedade/cultura, a ciência moderna caminha produzindo uma ciência para poucos, esgotada em si mesma, afastada das possibilidades de diálogo. Não por acaso, a produção do espaço universitário – pensando-o através de seus usos – também se esgota, fecha-se ao diálogo, limita-se. Preocupados em procurar demais, não temos tempo para encontrar coisa alguma, inclusive nós mesmos.

Espaço de produção antes de espaço de vivência. A universidade operacional moderno-científica é o retrato de uma sociedade individualista em crise, esta que corre sobre a fina camada de gelo pelo inverno. Esgota os sonhos de reescrever a história de outra forma.

No entanto, assim como a universidade de hoje é um acúmulo dos tempos nela vividos – rugosidades (SANTOS, 1996) –; ela é também o perfeito espaço para proposição de outra forma de se pensar e fazer a ciência. A crise carrega a consciência dos limites da universidade de hoje. Ela contém sua própria negação. Carrega as resistências e novas ideias. É nesse caminho que nos apoiamos em Milton Santos:

Então o mundo se dá como latência, como um conjunto de possibilidades que ficam por aí, vagando, até que, chamadas a se realizar, transformam-se em extenso, isto é, em qualidades e quantidades. Tais essências seriam, então, o real possível,

¹⁷ Devemos concordar, com essa afirmação, com Santos (1994): o território só faz sentido a partir de seu uso, assim, “território usado”.

possibilidades reais, e não ideais. Esse real se dá como configuração viável da natureza e do espírito, em um dado momento: uma técnica nova ainda não historicizada, **uma nova ação** apenas pensada. (SANTOS, 1996, p. 123 — grifos nossos)

Inserimo-nos pouco nas possibilidades da universidade. Talvez, desconhecemo-las em quase todas suas expressões. Ela é apenas um lugar onde se constroem futuros profissionais. Trata-se de um espaço de passagem no cotidiano e um lugar “entre-tempos” na vida “profissional” de cada sujeito. É preciso subverter a universidade para encontrar, nela mesma, seus novos caminhos.

Pensar a universidade como um território de “possibilidades reais”, faz-me repensá-la enquanto experiência. As possibilidades requerem ação. Ação requer presença, uso. Experiência. Reinventar a ciência na universidade de hoje é repensar a “experiência universitária”.

Recentemente, uma fala me marcou e transmitiu muito do que estava vivenciando: durante uma conversa com um estudante de biologia, sobre um assunto qualquer, visualizamos a ação de um sabiá protegendo seu território de um gato. Ele me contou que os sabiás eram famosos por serem bravos por lá, protegendo a área em frente ao Diretório Acadêmico de Biologia. O espaço é frequentado por estudantes de diversas áreas da biologia, e como eu, alunos de outros departamentos. Segundo ele, o sabiá havia deixado “todo mundo um pouco ornitólogo”.

Dessa forma, ressalvo que foi exatamente a partir de um uso que ultrapassa a ideia da “universidade operacional”, que os alunos deram olhos a um fenômeno que acontecia ao seu lado. De alguma maneira, o problematizaram, o viram sob diferentes perspectivas e assim ampliaram sua percepção, ao ponto de agregarem à sua identidade (dentre as tantas de uma ciência fragmentada) o rótulo de ornitólogos.

Tomo a metáfora do sabiá – aquilo que passou a ser visto e admirado, uma extensão do próprio sujeito – como o universo que se abre diante de mim com o uso do espaço universitário. Etnografando os que veem os sabiás, o fiz também com os que não o veem. Vi a riqueza (natural e simbólica) sendo usada ou deixada de lado. Vi a universidade como ela era e como eu queria que fosse.

Desde minha chegada na Universidade Federal de Minas Gerais, em março de 2012, dialogo com alguns alunos envolvidos com ações e debates sobre a Agroecologia e a Permacultura. Entre eles, os que realizam as “Quartas Permaculturais”, encontros livres semanais no Diretório Acadêmico do Instituto de Geociências. As conversas misturam artes, meio ambiente, alimentação, cultura, política e espiritualidade. São transversais em seus temas, formatos e sujeitos. Evocam temas globais e esbarram nos existenciais.

As inquietações coletivas – somatório de questionamentos pessoais – dão força às propostas de ação. Foi, por exemplo, através da manutenção do “minhocário em caixas” dos alunos que passamos a levar todo o lixo orgânico doméstico, e ainda, pudemos vivenciar a gestão compartilhada do equipamento. A oficina de hortas caseiras em garrafas PET permitiu que diversas pequenas hortas de ervas e temperos fossem construídas. A coleta de sementes experimentou a biodiversidade do *campus*, mostrando a riqueza e função vital delas. O mutirão de manejo da Horta do Diretório Acadêmico da Biologia não só permitiu o plantio de várias frutíferas, hortaliças, leguminosas e ervas aromáticas, como deu legitimidade a um espaço gerido por alunos. A proposta de mapeamento das frutíferas do *campus* Pampulha – idealizada pelos corredores do Instituto de Geociências – engajou-nos em férteis diálogos com outros setores da universidade.

As atividades têm como ponto de partida o encontro da diferença e como consequência o companheirismo e o conhecimento. Primam,

sem nenhuma ideologia pré-estipulada, por uma universidade engajada e inclusiva. Combatem, sem perceber, as lógicas da universidade operacional. Debruçam-se em práticas que se misturam com teorias, que transbordam as disciplinas e a própria racionalidade científica. Rompem muros e ampliam fronteiras, fazendo-nos lembrar Hissa *et al.*:

A partir daí, ainda que nos críticos territórios ilhados da universidade moderna, é possível vislumbrar movimentos do mundo na direção da ciência que se reinventa e que, de alguma maneira, fortaleceriam a criatividade, o potencial inventivo, na produção do saber – sobretudo se pensarmos na importância desse **saber produzido com os outros**. A partir daí, também será possível trabalhar os conflitos, nos lugares da vida, desde que se compreenda o exercício da ciência que se reinventa como o exercício que se faz com o outro. Trata-se de uma referência a partir da qual poderíamos refletir sobre a natureza do conhecimento que, na universidade, recupera sabedorias: compreender o mundo articula-se à compreensão de nós mesmos; a compreensão de nós mesmos articula-se à compreensão do outro. (HISSA *et al.*, 2011, p. 51 — grifo nosso)

Passo a perceber a universidade a partir de nossas histórias. Mais, passo a querer cuidar da universidade, reinventá-la. Passo a ver nela uma continuidade. Ao me apropriar, signifiquei, reconheci e experimentei. Territorializei. Construí em mim um espaço em que localizo minhas próprias narrativas, minhas histórias.

Compreendi em mim mesmo o processo de territorialização que tanto estudava na comunidade quilombola. Ressuscitei minha geografia assassinada. Aumentei meu “espaço-tempo” na universidade, assim como reduzi a velocidade. Resgatei minha própria geografia, ampliando meus horizontes de pesquisa. Passei a levar adiante a universidade como eu queria¹⁸.

¹⁸ “Só poderíamos pensar, demandar, e cultivar a transformação social caso a cultivássemos em cada um de nós” (HISSA *et al.*, 2011, p. 39).

UTILIZANDO O TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO: ETNOGRAFIAS DAS QUARTAS PERMACULTURAIS

Como em todas as quartas-feiras, acordara cedo. Após o café, juntei os artigos que naquela semana me propus ler, meus materiais. Algumas garrafas e embalagens me serviriam para construir sementeiras, das quais retiraremos mudas de frutíferas e algumas hortaliças. Lembrei-me também dos resíduos orgânicos que depositaria no minhocário. Entre minha casa – um apartamento alugado próximo à universidade – e o Instituto de Geociências – prédio onde tenho aulas e reuniões – sinto os desencontros da metrópole belorizontina. Pessoas a caminho de seus trabalhos, ônibus carregando inúmeras delas, vendedores de frutas, panfleteiros e pedintes nos semáforos e esquinas. A cidade, nessa manhã, pulsa pelas conexões, acordos e serviços que a ela dão sentido. Geografias um tanto cinzentas. Vejo as perversidades de um sistema urbano caótico construído por nossa racionalidade.

A universidade, num primeiro olhar, parece existir imune a todas essas pessoas e coisas. Sua tranquilidade aparenta um reduto dos cientistas. Espaço de exclusão do mundo, espaço de pensar. Basta chegar ao instituto que percebo que a tranquilidade não descreve nem convence: a aceleração da universidade operacional dá ao lugar um tom triste. Lembro de Alberto Caeiro e a “ação humana mundo afora”, ação inerte, descarregada de intenções transformadoras.

Em meio às acelerações, um espaço parece andar devagar. Nele as pessoas permanecem por algum tempo, livram-se de seus computadores e se veem umas nas outras. Algumas pintam as paredes, enquanto outras escutam músicas. O Diretório Acadêmico¹⁹ me lembra a angústia de Borges (1986) ao descrever o “Aleph” – lugar

¹⁹ O Diretório Acadêmico do Instituto de Geociências é um espaço utilizado por alunos dos cursos do instituto (turismo, geografia e geologia), por estudantes de outros cursos da Universidade Federal de Minas Gerais, além dos ex-alunos.

que continha o mundo²⁰ – inenarrável na complexidade simultânea de seus usos e limitado pela própria sequência ditada pelas palavras de uma narrativa.

Pessoas passam, imagens ficam, palavras se trocam. Lembro-me que a universidade não precisa ser operacional. Que ela pode carregar um sentido transformador tanto em suas palavras quanto em seus usos. O lugar condensa as dualidades da universidade que experimento. Contém as frustrações e as esperanças.

Desde o começo de 2012, alunos dos cursos do Instituto de Geociências e de outros institutos e faculdades da Universidade Federal de Minas Gerais se encontram às quartas-feiras neste espaço. Com intuito de estabelecerem diálogos sobre questões relacionadas às ações em Agroecologia e Permacultura, os diversos sujeitos incluídos na proposta partem de reflexões sobre vida e meio ambiente, e, inevitavelmente, chegam ao questionamento da verdadeira função do espaço universitário, este que – projetado como um espaço da construção de visões de mundo e dos saberes – tem sido experimentado de maneira tão fragmentada e afastada, tanto por seus alunos, servidores e professores, quanto pela sociedade.

Lançamo-nos, como num pacto silencioso e nada programado, na tarefa de promover intervenções no espaço universitário que não só tratem de ações coletivas reflexivas, mas que também expressem nossa vontade de desenhar o mundo de uma outra maneira.

O Diretório Acadêmico, em meio a todo esse contexto, passou a ser meu “Aleph”. Era meu passado recente – algumas de suas angústias – de

²⁰O **Aleph**, lugar das infinitas simultaneidades, é levantado por Edward Soja (1993, p. 9), sobre a ótica da análise geográfica: “O que se vê ao olhar para as geografias é obstinadamente simultâneo, mas a linguagem dita uma sucessão sequencial, um fluxo linear de afirmações elocutivas, limitadas pela mais espacial das restrições terrenas, a impossibilidade de dois objetos (ou palavras) ocuparem exatamente o mesmo lugar (como numa página)”.

estudante de graduação e meu presente de pesquisador do programa de pós-graduação. Via inúmeras geografias nas representações contidas nos discursos, nas pinturas e nas ações. Enquanto o dever me chamava a continuar pesquisando, lendo e escrevendo, a geografia da “coetaneidade” (MASSEY, 2008, p. 109) me prendia àquele fascinante lugar.

Devo dizer que, da mesma forma como o lugar se transbordava nele mesmo, a partir de seus encontros e histórias, ele passou a me despertar para outras possibilidades da universidade. Nossas ações se encontram e confundem com outros espaços e movimentos, como aquele, dispostos a reinventar o território universitário. Seria possível ver a mesma universidade sobre outro olhar. Articular universos dentro do universo. Ampliar as formas de (me) ver (n)o mundo através dos movimentos – e seus territórios – já existentes na UFMG. Isso não apagaria a caótica imagem da cidade pela manhã, mas desenharia espaços e experiências que, por si só, negavam as bases sobre as quais todas aquelas imagens estavam sendo construídas.

Naquela quarta experimentava a universidade de formas diferentes. A genialidade do Diretório Acadêmico do Instituto de Geociências, das Quartas Permaculturais, e da universidade que projetei em alguns segundos de devaneios, havia me convidado a, desde já, agir de maneira diferente. Vi os diálogos possíveis que ignorava. Aproveitei as oportunidades de transmitir pensamentos utópicos e sinceros. Propus-me a “desenhar novas salas de aula” (HISSA *et al.*, 2011, p. 44), dialogando com as universidades tão diferentes concebidas em minhas reflexões.

As novas sensações esperançosas não apagavam as de outrora, talvez menos expressivas e estimulantes. Via que o que sentia continha também um olhar geográfico, afinal, falava de minha própria história através de conceitos como lugar, espaço e território. Continuava

ocupando os mesmos “lugares conceituais”, mas as experiências os transformavam, os concebiam novamente. Enchia-os de vida.

A tal etnografia das dualidades e conflitos da universidade contemporânea me levou a pensar que não só o espaço universitário era um território, pleno de possibilidades, como meu próprio momento de pesquisa de mestrado se tratava muito mais de um momento de crescimento pessoal do que profissional ou acadêmico.

Aventurei-me na despedida diagnosticada por Boaventura de Sousa Santos, que nos diz:

[...] a crise do paradigma da ciência moderna não constitui um pântano cinzento de cepticismo ou de irracionalismo. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, **no momento de se despedir**, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde **o conhecimento volte a ser uma aventura encantada**. (SANTOS, 1987, p. 35)

Rumo a uma “Ecologia dos Saberes” (SANTOS; HISSA, 2011) e uma universidade territorializante, reinventam-se a cada dia a ciência e a pesquisa, possibilitando-nos o reencontro com os encantamentos contidos nas coisas e nas pessoas. Transformando os lugares e nos transformando. Levando para os espaços turvos alguma luminosidade. Resgatando nossas geograficidades para entender o mundo como a extensão do pesquisador... ☺

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Porto Alegre: Globo, 1986.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. **Da diversidade cultural à diversidade produtiva**: a construção dos saberes necessários para a transição agroecológica em São Pedro de Cima. Projeto de extensão submetido à análise pelo CNPq (edital 58/2010). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2010.

CHAUÍ, Marilena. A universidade sob nova perspectiva, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, 2003, p. 5-15.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia, **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2002, p. 19-28.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HISSA, Cássio Eduardo Viana *et al.*. Lugares de diálogos possíveis. In: HISSA, Cássio E. V. (org.) **Conversações: de artes e de ciências**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

KEHL, Maria Rita. Aceleração e depressão. Comunicação no Café Filosófico da CPFL – Cultura. 24 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2009/12/02/integra-aceleracao-e-depressao-maria-rita-kehl>>. Acesso em: 20 set. 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.



Imagens geográficas dos caminhos da pesquisa: confissões espacializadas
Nathan Zanzoni Itaborahy

PONDÉ, Luiz Felipe. O diagnóstico de Zygmunt Bauman para a pós-modernidade: uma agenda para o inverno – ambivalência, medo e coragem. Comunicação no Café Filosófico da CPFL – cultura. 25 maio 2008. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2009/02/26/o-diagnostico-de-zygmunt-bauman-para-a-pos-modernidade-uma-agenda-para-o-inverno-ambivalencia-medo-e-coragem-luiz-felipe-ponde>>. Acesso em: 21 set. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, 2007, p. 3-46.

SANTOS, Boaventura de Sousa; HISSA, Cássio Eduardo Viana. Transdisciplinaridade e ecologia dos saberes. In: HISSA, Cássio E. V.

(org.) **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TAVARES, Gonçalo Manuel; HISSA, Cássio Eduardo Viana. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. In: HISSA, Cássio E. V. (org.) **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Submetido em Setembro de 2012.

Revisado em Novembro de 2012.

Aceito em Novembro de 2012.